

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Marcela Santana Felix da Cruz

CORDIALIDADE E TRADICIONALISMO: UM ESTUDO CRÍTICO DE RAÍZES DO BRASIL

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Rubem Barboza Filho

Juiz de Fora
2022

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **MARCELA SANTANA FELIX DA CRUZ**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202072108^a, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **CORDIALIDADE E TRADICIONALISMO: UM ESTUDO CRÍTICO DE RAÍZES DO BRASIL**, desenvolvido durante o período de 18 DE ABRIL DE 2022 a 09 DE AGOSTO DE 2022 sob a orientação de RUBEM BARBOZA FILHO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Marcela Santana Felix da Cruz

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

CORDIALIDADE E TRADICIONALISMO: UM ESTUDO CRÍTICO DE RAÍZES DO BRASIL

Marcela Santana Felix da Cruz¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a questão do tradicionalismo e a problemática do “homem cordial” para os estudos sociológicos acerca da história do Brasil no século XX. Assim, será examinado de que maneira a obra *Raízes do Brasil*, do sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, aborda a cordialidade como uma das principais marcas do povo brasileiro. Será estudado de que forma os parâmetros tradicionais não cabem ser inseridos na sociedade em questão e as razões para que essa afirmação seja factual. Sob esse aspecto, tendo como objetivo uma perspectiva histórica sobre o tradicionalismo e a cordialidade, a pesquisa se divide em três grandes partes, sendo a primeira um estudo acerca do pensamento social brasileiro e o contexto de surgimento desse conteúdo sociológico. Em seguida, será apresentado tópicos relativos à questão do homem cordial e sua correlação weberiana em *Raízes do Brasil*. E, por último, a imaginável existência, que se pressupõe que seja falsificada, de um tradicionalismo no sentido genuíno de uma tradição única da historiografia brasileira. A finalidade é elucidar como a cordialidade e os parâmetros ditos tradicionais não se enquadram como base sociológica e histórica no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Cordialidade. Tradicionalismo. Raízes do Brasil. Sérgio Buarque de Holanda.

1. INTRODUÇÃO

Grande parte das interpretações sociológicas que buscam estudar a sociedade brasileira se orienta por uma perspectiva técnica que encontra na ordem moderna e ocidental o caminho para analisar a história do Brasil. Espelhado em ideais europeus, esses estudos sugerem uma necessidade de ruptura constatem com o passado, visto como manifestação de uma sociedade fundada em valores e costumes não modernas. Em outras palavras, uma sociedade atrasada. Isso quer dizer que o Brasil não teria incorporado os elementos centrais de uma civilização barroca². O liberalismo transformou a própria identidade brasileira em prol de uma modernização que trouxe a tradição como o inimigo a ser destruído e a herança a ser aniquilada. (BARBOZA FILHO, Rubem. 2010).

Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), grande sociólogo brasileiro e autor do emblemático livro que aqui será estudado, *Raízes do Brasil* (2004), analisa o cenário atrasado de uma revolução brasileira que trilharia seu caminho para um processo, longo, mas brilhante, de modernização. Sem dispor de todo material histórico colonial, esse projeto moderno tendente a afastar as noções ibéricas a favor de uma descontinuidade em relação à tradição gerou uma reflexão política que ignoraria a própria identidade brasileira. O grande problema do Brasil é a relação entre a família e o Estado, em que o último não consegue agir como um verdadeiro aparato burocrático por causa da intervenção familiar. Ou seja, o Estado, baseado em uma análise do público como uma extensão do privado, seria incapaz de colocar as

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: marcelafelixsc@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Rubem Barboza Filho.

² O estudo do barroco pode ser compreendido, de forma geral, como um estilo de civilização católico e universal, presente entre crises e pessimismos. No caso do Brasil, a definição de *Barroco* sofre uma grande modificação: adquire o significado que permite a construção de uma nova sociedade. O barroco teve a capacidade de misturar contextos simbólicos e formas diferentes de vida. Como concepção de mundo, o sentido da palavra vai além do conhecimento artístico. Uma sociedade barroca é uma sociedade que acolhe a família, que incorpora. (BARBOZA FILHO, Rubem).

relações impessoais guiadas pelo interesse e pela razão em detrimento da tendência expansiva do círculo familiar e dos laços afetivos que lhe é tão próprio. Assim surge o então chamado “*homem cordial*” como exemplo claro de motivações emocionais que entram em contraposição com o caráter burocrático das sociedades modernas.

Como um dos pioneiros na utilização de Weber, Sérgio Buarque com *Raízes do Brasil*, se inspira no sociólogo alemão e analisa como a autodisciplina e uma sociedade impessoal foge dos costumes presentes no Brasil, deixando claro a oposição dos princípios puritanos de autodisciplina profissional guiada pela razão moderna e a ideia de trabalho. Embora também mobilizado por pressupostos historicistas, Holanda cria uma forte imaginação sociológica sobre o processo de constituição da sociedade brasileira e o curso de abandono de suas raízes ibéricas em direção ao então chamado vago americanismo. Com isso, o estudo se debruça sobre dois temas constantes da análise de Sérgio Buarque de Holanda: a hipótese do homem cordial e tradicionalismo da formação histórica no Brasil.

Vale ressaltar a importância de *Raízes* para a geração de intérpretes no Brasil e para a sociologia brasileira de modo geral. As observações de Sérgio Buarque não se dão apenas com o “moderno”, mas também com a possibilidade de um país democrático. Segundo os estudos de Raphael Carvalho, estudante de história da Universidade Federal do Paraná,

o lugar de *Raízes do Brasil* é o de uma síntese interpretativa da história brasileira que discute o seu passado e futuro, à luz das questões do seu presente, acertando as contas com o passado. Sérgio Buarque desvenda no presente as sobrevivências arcaicas, ainda ibéricas, que precisariam ser superadas. Mas o tema do livro é, acima de tudo, o futuro democrático do Brasil. Trata-se de uma obra que abriu e orientou um debate fecundo sobre o passado e o futuro do país. (CARVALHO, 2011, p.6)

Vinculado a fortes traços modernistas³ e historicistas⁴ na escrita de *Raízes*, Sérgio Buarque ao longo da década de 30, período caracterizado por um cenário que acompanha o crescimento desordenado da cidade e a industrialização, busca analisar as mudanças na forma familiar e na organização do passado na sociedade brasileira. Construindo, dessa maneira, uma nova consciência de brasilidade que continha a expectativa de romper com o passado autoritário. (CARVALHO, 2011). Esse passado é a marca de uma trajetória tradicional que ainda deposita suas raízes em ideias arcaicas. O objetivo de *Raízes*, portanto, segundo sociólogo George Avelino, dentro de um leque de questões que mobilizaram os intelectuais nos anos 30, é procura elucidar a sociedade brasileira e sua identidade a partir de uma existência, ou não, de uma cultura nacional que, antes de mais nada, objetiva compreender em que medida o Brasil ainda tem em suas raízes os padrões da colonização ibérica. (AVELINO FILHO, George. 1987).

Ao longo da produção desse pensamento social no Brasil, havia uma dialética do local e do universal. Desse modo, expressões literárias foram capazes de analisar polos opostos e realizar uma espécie de equilíbrio entre eles. Sérgio Buarque analisa esse período de formação nacional espelhado em ideais europeus se vê diante de uma contraposição que existe entre suas próprias formações e as referências desses padrões ibéricos no Brasil. E é justamente nessa contraposição ou absorção de outros

³ Sérgio Buarque de Holanda, quando jovem, era bastante influenciado pelo movimento modernista. O modernismo, de forma geral, busca a ruptura com a então chamada tradição ibérica. Sérgio Buarque, entretendo, criticava as intenções modernistas de tentar refundar do zero o próprio país, deixando no passado sua história real. Sua proximidade com o modernismo foi ficando para trás decorrer de sua carreira intelectual.

⁴ Movimento em reação ao universalismo liberal que se opõe à ideia de uma história comandada unicamente pela expansão da razão universal: uma só forma de se organizar uma sociedade justa e livre. A ideia de historicismo chama atenção ao tema da particularidade histórica, em que a história não é universal. Há individualidades nos povos que não podem estar enquadradas em termos liberais/kantianos. A história deve ser construída em atenção ao caminho particular de cada povo buscando se constituir como povo. Analisar mitos, religiões, linguagens e costumes próprios é a maneira mais adequada de conhecer a própria história.

valores que o Brasil pôde se reconhecer enquanto particularidade histórica. O romantismo⁵ e o modernismo⁶ fazem parte desse contexto de autodescoberta enquanto nação. Seria o Brasil um país atrasado? Por que a sociedade brasileira não completou seu processo de modernização? Como esperar de um país ancorado em noções coloniais e arcaicas um sinal de modernidade e ocidentalização?

A relação sobre a análise de um estudo histórico/sociológico no que concerne a transformação e compreensão da sociedade brasileira, a ideia de passagem de uma sociedade tradicional⁷ para uma sociedade moderna se associa com a concepção de que os povos primitivos não tem história. Isso acontece porque o apagamento histórico e a brutal negação do passado fazem com que ideais baseados em fábulas ou explicações sociais fundamentadas no meio físico sejam substituídas por um verdadeiro entendimento acerca dos mitos, religiões, costumes e linguagens que buscariam de forma precisa interpretar o pensamento real brasileiro. Ou seja, baseados em costume e mutação contínua, além da adaptação sempre constante, a sociedade brasileira se distingue de forma radical das propostas que buscavam interpretar o Brasil. Afastando, dessa maneira, a origem no próprio país, dificultando a criação de uma narrativa mais complexa que, de fato, seja capaz de englobar o real significado histórico e sociológico que merece a sociedade.

Sérgio Buarque de Holanda, ao mesmo tempo que acusa os modernistas de tentar criar um Brasil sem história, usa sua fraca imaginação sociológica visando fortalecer a ideia uma pesquisa histórica enviesada e destinada a confirmação na formação inicial brasileira – os três ou quatro primeiros séculos – como atrasa, tradicional e cordial. Posto isso, a hipótese do estudo se baseia na ideia de que a sociedade brasileira nas suas origens não pode ser enquadrada pelos termos atraso-moderno. O caso brasileiro seria bem mais complexo do que essa simples dualidade sugere.

2. Raízes do Brasil

Sobre as discussões em relação ao estudo do pensamento social brasileiro, que será compreendido como um dos marcos de interpretação do país no século XX, nota-se a importância de referências sociológicas para compreender o cenário social e político nacional. Grande parte desse estudo se dá a alguns autores clássicos. No Brasil, um dos grandes estudiosos que merecem destaque para a problemática em torno da interpretação do país é o sociólogo e historiador Sérgio Buarque de Holanda, que escreveu a primeira edição em 1936 de um dos seus livros mais emblemáticos: *Raízes do Brasil*. Para que não se adentre, precisamente agora, na discussão acerca da importância dessa obra para os estudos que visam interpretar o país, será discutido o cenário em que foi possível o surgimento de conceitos explicativos e visões sociológicas sobre o ambiente brasileiro e suas raízes políticas, sociais e históricas.

Raízes do Brasil, obra conhecida como a *metodologia dos contrários*⁸, pautada na tipologia weberiana, ao contrário, segue o caminho do estudo em pares ao invés de pluralidades de *tipos*. Com isso, o historiador brasileiro pretende tratar uma imaginação sociológica de maneira dinâmica do processo histórico analisado por contrários: trabalho e aventura, rural e urbano, burocracia e caudilhismo, o impessoal e o afetivo: pares no qual Sérgio Buarque destaca a estrutura social e política no Brasil.

⁵ Corrente que se afirma contra Portugal. Visto que o Brasil se vê dependente da economia portuguesa, o romantismo enxerga o “ser brasileiro” de forma mais autônoma. Era necessário, naquele momento de exaltação nacional, reafirmar sua autonomia. Trata-se de um movimento de renovação e constante ruptura.

⁶ Em uma literatura marcada por temáticas sexualizadas, o modernismo lida com o mundo existente. A preocupação, agora, se associa de forma direta com a temática social histórica. Ao romper com padrões e tipos ideais, cria características marcantes para personagens nacionais. Além disso, o modernismo se baseava em pretensões radicais de refundar o Brasil.

⁷ Baseada em costumes e memórias.

⁸ Desenvolvido por Antonio Candido, grande estudioso das obras de Sérgio Buarque. Ver: CANDIDO, Antonio. “O significado de *Raízes do Brasil*”. In: HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*, 2014 [1967]

(HOLANDA, 2014). Um dos pontos que merece destaque na perspectiva do autor é a repulsa pelo trabalho e pelas atividades úteis. Assim, distingue-se o trabalhador do aventureiro⁹ e o rural do urbano, onde primeiro ocupa lugar repousado na escravidão, enquanto o segundo marca a trajetória inicial de um mundo moderno. Nas palavras de Robert Wegner, “Ao aventureiro interessa apenas o objeto final de seus esforços, dispensando os processos intermediários para alcançá-lo. No dizer de Sérgio Buarque “seu ideal seria colher o fruto sem plantar a árvore”.” (WEGNER, 2000, p. 31)

O trecho exposto mostra- não pela primeira vez- a semelhança inscrita no pensamento de Sérgio Buarque em relação às teorias weberianas acerca do espírito capitalista e a então chamada “boa vontade para o trabalho”. Esse pensamento moderno entra em contraposição diretamente com a sociedade brasileira, em que as relações impessoais, características do Estado burocrático de Weber, não faziam parte do contexto brasileiro. O Brasil, ao contrário, reduzia suas relações em trocas afetivas, onde o caráter familiar incide de maneira brutal na base social brasileira em relação ao caráter impessoal do capitalismo moderno acarretando um desequilíbrio acerca do crescimento das cidades, dos meios de comunicação presentes dos países em desenvolvimento capitalista.

Sob esse aspecto, Sérgio Buarque introduz o conceito “homem cordial” em suas obras inspirado nos ideais do chamado “patrimonialismo” e nas ideias de “burocracia” de Weber, a fim de mostrar como a caracterização desse sujeito se refere a relações de fundo emocional que extravasam o ambiente puramente familiar. Com isso, torna-se a supremacia do traço rural e grandes famílias patriarcais que não condizem com a organização da vida pública. Por isso

o patriarcalismo invade as esferas em que deveria predominar a preocupação com o coletivo, provocando um desvirtuamento da comunidade política pela comunidade doméstica, (...). Assim, a socialização pelo familiar, pelo doméstico, pelo afetivo impede que se criem condições para uma real gestão da coisa pública, que exigiria, de forma clara, a distinção entre o público e o privado. (AVELINO, George. 1987, p. 37)

O Brasil de Raízes é frouxo, é guiado pelo coração e, apesar de potencialmente democrático, herdou traços coloniais de fortes vínculos com a estrutura arcaica do país. As sobrevivências atrasadas fazem da história um ambiente marcado de fatores que merecem, e devem, ser deixados para trás. A questão a ser passada a diante como hipótese metodológica parece ser um pouco mais complicada que a dualidade de abandono e persistência do passado colonial, como será abordado em seguida com o tópico do “tradicionalismo”. Mas, a princípio, a questão é simples: uma coisa, pode-se dizer, é deixar de lado o conservadorismo que afasta as noções de modernidade, romper com a economia tipo colonial e renovar a estrutura da produção. Outra, de forma contrária, é esquecer as raízes que fizeram parte de um passado marcado por roubo, escravidão e desigualdade.

O historiador Daniel Machado resume o que aqui pretende ser analisado ao afirmar que a forma política tradicional e oligárquica que regia as relações de poder na sociedade fez com que se enraizasse um pensamento que apontava para as nações ibéricas a tradição que moldou historicamente o Brasil. Ou seja, a herança lusitana foi diagnosticada, para Holanda, como o espírito de “aventura”. Espírito esse que servia como um tipo ideal para compreender a colonização no Brasil. O íntimo aventureiro mostra como o meio social dominado pelo rural se constitui como forma de organização que modelou a ordem política: “o patriarcalismo, tendo seu substrato no âmbito privado, “invadiu” o espaço público e se tornou regente das relações de poder na sociedade.” (Bruno, 2019, p. 73). O homem cordial, que será próximo tópico, mostra em resumo como a cordialidade mostra um certo padrão histórico de orientação de condutas que reproduz uma lógica colonial e familista, onde há o predomínio das relações primárias mesmo em espaços públicos. (Bruno, 2019)

9. Sérgio Buarque analisa o caráter aventureiro relacionado uma herança europeia. Os portugueses e suas práticas aventureiras teriam deixado como tendência ao povo brasileiro um caráter não imanente a atividades que não sejam a do trabalho contínuo.

3. O HOMEM CORDIAL

“Raízes do Brasil” (1936), primeira grande obra de Sérgio Buarque, é considerada um dos livros fundadores da historiografia e da ciência social brasileira. Holanda estuda o conceito de “homem cordial” e sua relação com as problemáticas de interpretação do Brasil, analisando porque a modernização no país não foi capaz de espelhar o padrão europeu e que, de maneira oposta, persiste em arquétipos comportamentais de um Estado pessoal portador de formas emotivas, carentes de organizações políticas e democráticas. Uma vez que, segundo Max Weber e por ele muito influenciado, o poder estatal deveria ser um aparato legal de caráter pessoal.

Para que não haja discordâncias etimológicas, o termo “homem cordial” - criação do escritor brasileiro Ribeiro Couto¹⁰ – está relacionado de forma direta com o círculo familiar. Isso representa o que Sérgio Buarque denomina como propriedade dos chamados “grupos primários”. Nota-se aqui uma analogia ao que se refere a discussão entre a diferença do ambiente público e o ambiente privado, em que o último, falta a então chamada ordenação impessoal, que tanto caracteriza o moderno estado burocrático (HOLANDA, 2004). A essência não burocrática própria do âmbito familiar caracteriza o Estado brasileiro como um ambiente fechado e quase nada acessível a ordenação impessoal.

O então “homem cordial” mostra como a vida em sociedade é uma libertação do medo que esse homem tem de viver consigo. É na aversão ao ritualismo social que se encontra, tanto na linguagem, quanto nas próprias relações sociais, o desconhecimento de outra maneira de viver que não seja guiada por éticas de cunho emocional. Isso acaba por representar um aspecto da vida social brasileira que poucos estrangeiros compreendem. É a partir daí que Sérgio Buarque descreve como a relação com o trabalho é indiferente para o povo. Essa ordem de desprezo pelo trabalho é a aventura vinda dos portugueses que marca o Brasil. Marca tanto que uma das frases que merecem destaque na obra Raízes é justamente aquela que diz que o português vinha atrás de riqueza, mas uma riqueza custa ousadia, não uma riqueza que custa trabalho, aliás, “para conquista um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo” (HOLANDA, 2014)

Ribeiro Couto, em uma versão limitada em homenagem aos 70 anos de Raízes, analisa como a fusão do homem ibérico com terra nova e as raças primitivas foi produto de uma cultura de intuição nova: o homem cordial. (COUTO, 2006). Cassiano Ricardo, na mesma edição, elabora, em suas palavras que, “Não era, portanto, a meu ver, a palavra cordial a melhor indicada para definir o homem brasileiro. (...). melhor teria andado, então, a meu ver, (...), ao invés de cordialidade, houvesse dito *simpathy*, no sentido em que a tomam os ingleses.” (Holanda, 2006, p. 374-375). Nesse caso, alguns estudiosos, e em especial Cassiano, mostra como a cordialidade para os brasileiros, ao contrário do pensamento do próprio Sérgio, não significa só o que vem do coração, como bondade e ódio, mas a soma dos impulsos. A bondade, como traço cultural do povo brasileiro, nada tem com cordialidade. É precisamente essa característica fatal do homem brasileiro cordial que Oswald de Andrade quer dizer quando cita Robert Briffault “O que é sobremaneira surpreendente a homens cuja aparência externa é inteiramente bárbara, é vê-los tratarem-se entre si com uma gentileza e consideração que não se encontra na gente comum das mais civilizadas nações”. (Andrade. Aput BRIFFAULT, 1970, p.142).

Assumindo o raciocínio da tradição modernista¹¹, que desenvolveu uma crítica à civilização moderna, surge a cordialidade enquanto manifestação de uma verdadeira realidade brasileira, colocando a possibilidade de uma alternativa em relação ao processo clássico de racionalização sofrido pelas culturas

¹⁰ Informação orientada pelas notas de “O homem Cordial”, apresentada pelo próprio autor. Expressão em que a palavra “cordial” deverá ser tomada em seu sentido etimológico. Nesse caso, pode-se notar a cordialidade seja como inimizade, seja como amizade, pois ambas nascem do âmbito privado, familiar, o que vem do coração.

¹¹ Como diz Oswald de Andrade em “Nasce daí a teoria já crítica da cultura brasileira, focalizando a oposição, que foi um dos móveis da dialética d Modernismo, entre o seu arcabouço intelectual de origem européia, que integrou a superestrutura da sociedade e se refletiu no idealismo doutoresco de sua camada ilustrada, e o amálgama de culturas primitivas, como a do índio e a do escravo negro, que teve por base.” Andrade, Oswald de, 1890-1954. Obras completas... [Rio de Janeiro] Civilização brasileira 1970- 11v. (Coleção Vern Cruz. Literatura Brasileira, v. 147).

européias. (AVELINO FILHO, 1987). Em contrapartida, alguns estudiosos, como é o caso de Raphael Carvalho, mostram que o “homem cordial” é uma crítica a personalidade autoritária presente no caráter brasileiro como uma herança lusitana. Além de fazer um forte exame ao personalismo e, por extensão, ao autoritarismo presente no “caráter brasileiro”, onde tais valores são destoantes, quando não inconciliáveis com o conceito moderno de democracia” (CARVALHO, 2011).

De toda forma, o ponto que merece destaque para a compreensão do artigo é a cordialidade sentimental do povo brasileiro. Ora agressividade, ora cordialidade, não se sabe. Mas uma coisa é certa: a raiz ibérica no Brasil precisa ser deixada para trás. A saída, a modernização. A modernização, a busca de um Estado impessoal. No final, o pensamento acerca do homem cordial é o mesmo, e é simples: ele não tem classe social, ele desde sempre esconde conflitos sociais, ele só serve pra ser o “genérico” contraposto ao “protestante ascético”. Essa é a predestinação brasileira: o sentimentalismo que busca a salvação da alma no racionalismo impessoal da ascese intramundana protestante¹².

3.1 WEBER E CORDIALIDADE

O sociólogo alemão Max Weber, em a “Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo”¹³, tem como finalidade analisar desenvolvimentos do racionalismo prático no Ocidente e sua relação entre convicções religiosas. Sendo a religião um fator decisivo na educação e no fornecimento de sentido à vida, a vida profissional oferece ao mundo prático, não de forma direta e proposital, uma auto-regulamentação dos fios no mundo. Essa forte dedicação em relação a vida profissional mundana faz com que, em especial, o puritano, procure orientar sua vida rigidamente a fim de atingir a salvação de sua alma, mesmo que seu destino já esteja traçado¹⁴. O protestantismo teria, portanto, uma conduta de vida sistêmica que está presente no “espírito”, no ethos, da conduta de vida capitalista. A profissão, agora, é uma obrigação. A finalidade dessa ética é a acumulação. Weber descreve:

é uma das qualidades fundamentais da economia privada capitalista ser racionalizada com base no cálculo aritmético rigoroso, ser gerida de forma planejada e sóbria para o almejado sucesso econômico, contrariamente à existência do camponês, o qual leva a vida da mão para a boca, à rotina privilegiada do artesão das antigas corporações [e ao “capitalismo aventureiro”, orientado pelo oportunismo político e pela especulação irracional] (WEBER, M. 2004, p. 67)

O *ethos* do protestantismo, baseado numa organização racional e metódica do trabalho, se distingue de maneira radical do espírito tradicionalismo e aventureiro presente no Brasil. Os aventureiros de Raízes tinham uma racionalidade diferente da racionalidade analisada pela ascese protestante. A ideia de aventura é muito forte, até hoje, no Brasil, em contraposição a ideia de regularidade que é fraca. Essa característica aventureira e plástica foi fundamental para a colonização portuguesa. E a consequência dessas características de adaptação acabam por impedir o trabalho metódico tão presente do capitalismo

¹² BRUNO, D. M. apud SOUZA, Jéssé, 2019). Argumento desenvolvido a partir da tese do historiador Daniel Machado citando sociólogo Jéssé Souza.

¹³ Livro que fez e faz parte de uma das obras que pode ser considerada fundadora do pensamento científico e sociológico na modernidade. Escrito entre os anos de 1904-1905, Weber realiza um estudo comparativo com intenções e projeções históricas.

¹⁴ Me refiro aqui a ideia de *Predestinação*, a graça da salvação, escolhida por Deus antes mesmo da criação do mundo. Também estudado por Weber, o termo tem uma relação com um tipo específico de orientação para a conduta mundana. Trata-se de uma doutrina que se constitui como uma verdade. Que orienta de forma indireta através de estímulo psicológico uma ascese intramundana que leva a uma vida super ativa.

moderno. O aventureiro, aquele que quer a fortuna rápida, não foi capaz de desenvolver capacidades necessárias para a racionalização moderna. Como diz Holanda, “[para os aventureiros] nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador” (HOLANDA, 2014, p.51). E complementa também, duas páginas depois: “(...) o gosto da aventura, responsável por todas as nossas fraquezas, teve influência decisiva (...) em nossa vida nacional.” Com isso, o historiador também analisa como a vinda de escravos africanos para o Brasil representou, de certo modo, a necessidade de mão de obra apta ao trabalho. O emprego do braço indígena, que não se adaptara a exploração ibérica, fez com que a presença do negro na colônia fosse imprescindível para o desenvolvimento dos latifundiários. Embora isto não queira dizer que os indígenas não fossem coagidos ao trabalho forçado. Viveiros de Castro, em “O Mármore e a Murta: sobre a inconstância da alma selvagem”, mostra a indiferença do dogma e a incapacidade de se converter dos nativos. A problemática era ainda maior:

O problema, portanto, é determinar o sentido desse misto de abertura e teimosia, docilidade e inconstância, entusiasmo e indiferença com que os Tupinambá receberam a boa nova; é saber o que eram esta “fraca memória” e esta deficiência de vontade dos índios (...), é compreender, enfim o objeto deste obscuro desejo de ser o outro, mas segundo os próprios termos”. (CASTRO, Eduardo Viveiros de. 1992, p.26)

Sobre o escrito de Viveiros de Castro, a fim de ressaltar uma crítica ao pensamento de Sérgio Buarque, vale explorar a incompreensão de Holanda sobre a população nativa do Brasil. Em busca de construir um horizonte mais complexo para o encontro das populações, o historiador brasileiro não teria compreendido a relação dos indígenas com os portugueses e nem mesmo a história dos povos nativos e do próprio Brasil. A diferença entre a natureza e a cultura é a principal forma de contraposição entre esses povos. A natureza, para os ocidentais, é o fixo, o estável. É ela o conjunto de todos os aspectos que são controlados através da formulação das leis. Em contraposição, a cultura, a arte, a ciência, é o reino da responsabilidade humana, relacionado a ideias de liberdade e racionalidade. Isso permite aos europeus trazer outros povos à sua cultura. Em contraposição, para os indígenas, a ideia é inversa. O mundo natural é a hipótese onde não se lançam a explicar racionalmente. A natureza não é estável, os povos vivem e se reconhecem na sua relação com o outro- lhes dão sentido histórico. É por isso que os povos nativos têm uma abertura que pode ser interpretada de forma equivocada nos estudos que concerne a interpretação do país e dessas relações primitivas. Essa abertura, que não existe para os ocidentais, não trata o outro como ameaça. É essa diferença que cria identidades próprias para cada povo.

Sérgio Buarque de Holanda, motivado por conceitos weberianos, relaciona a questão do homem cordial como uma expressão que, no sentido etimológico, significa o que vem do íntimo, do *coração*. Esse ponto é relevante: Holanda analisa uma sociedade pautada nos parâmetros europeus caracterizados por pressupostos modernos e impessoais. Um Estado baseado em um certo profissionalismo que entra em contraposição com a ideia que Sérgio enxerga no Brasil: um país forjado por relações tradicionais e paternalistas. Sendo o emotivo, o irracional, em contraposição, o moderno se baseia na organização profissional que segue os passos da racionalização europeia. E é precisamente nesse comportamento emotivo, plástico e aventureiro que o povo brasileiro se encaixa. Essa deturpação provocada por parte do colonizador fez com que se enraizasse aqui um ambiente que impede a modernização e racionalização.

A então dita característica aventureira e a plasticidade do homem cordial foi fundamental para a condução do projeto colonial no Brasil. Essas características de adaptação, segundo Sérgio Buarque, impediram que as qualidades do caráter metódico e da divisão do trabalho fossem no Brasil instituído. O espírito aventureiro, baseado na ideia de obtenção da riqueza rápida, não teria sido capaz de desenvolver as capacidades aptas à racionalização desse movimento global moderno. Quando Sérgio Buarque espelha seus estudos no weberianismo alemão, o historiador afirma de maneira clara que o capitalismo moderno se choca com a economia pré capitalista tão presente na colônia. Como será explorado mais à diante, tentar enquadrar a complexidade brasileira em simples teorias duais só tende a apagar da história as particularidades que aqui existem.

4. O TRADICIONALISMO BRASILEIRO

“o ser de uma sociedade é seu preservar: a memória e a tradição são o mármore identitário de que é feita a cultura. (...) as sociedades que perderam sua tradição não têm retorno (...).”

(CASTRO, Eduardo Viveiros de. 1992, p. 27)

Raízes do Brasil é um trabalho sobre a modernização brasileira. O tradicionalismo, termo explorado aqui no sentido clássico, arcaico, como um legado tradicional, encontra em Raízes o oposto da ideia de um Estado burocrático moderno de Weber. O tradicional e o moderno são opostos. Logo, para a modernização de uma sociedade, o tradicional, o arcaico, precisa ficar no passado. Dessa maneira, a concepção weberiana do tradicional *versus* capitalismo trás para os intérpretes do Brasil no século XX um desejo de modernização paralelo ao desprezo do passado. A tradição ibérica precisa ficar no passado. Weber, ao relacionar a ideia de tradição com a natureza do ser humano, afirma como o “viver de modo com que está habituado e ganhar o necessário para tanto” (WEBER, M. 2004, p.53) não condiz com o estágio do capitalismo moderno. A modernização que queria o Brasil tinha o entrave das tradições ibéricas que impedia o caminho para a ocidentalização brasileira. O tradicionalismo estaria ligado de forma direta, portanto, ao ruralismo e à cordialidade, incompatíveis com o processo de modernização europeu.

Seria coerente analisar a sociedade brasileira de forma tradicional? Se o termo “tradicional” for substituído pelo seu significado (clássico, arcaico) a afirmação já não faz tanto sentido assim. A hipótese que aqui merece ser analisada é como a sociedade brasileira, com anos de monarquia, colonização e império, procedentes de outros países, em especial dos países ibéricos, teria construído uma verdadeira identidade que constituísse uma tradição, uma cultura clássica e própria do Brasil? Como definir um povo brasileiro? Se a pátria é o lugar de origem e nação é uma comunidade com características culturais próprias, em qual dos termos o Brasil se encaixa? O desejo de exploração e colonização trouxe mão de obra escrava que modificou as estruturas políticas, sociais e econômicas no país. O desejo de embranquecer a população modificou as estruturas do Brasil com a vinda de estrangeiros. Até mesmo com o fim do tráfico negreiro, o comércio interno de escravos continuou e se intensificou, modificando, mais uma vez, os aspectos da sociedade como um todo.

O tradicionalismo em Raízes incorpora uma concepção onde a aventura como herança ibérica, a ausência de ordenamento, uma sociedade ligada a impulsos do coração e o amor ao ócio antes do negócio dificulta a formulação de uma esfera pública e um ordenamento impessoais regido por regras abstratas. Que quer dizer, de forma geral, um impe cílio a modernização. Entretanto, como seria possível chamar de tradicional uma sociedade onde indígenas, brancos e africanos são obrigados a abandonar suas formas de vida, tradições e costumes em prol de outros costumes comuns, feitos de experimentações contínuas fundadas em linguagens diferentes? Um país como esse apresenta especificidades próprias que podem ser simbolizadas de maneiras diversas e não unicamente enquadrada nos moldes europeus e/ou americanos, apesar de sua evidente influência. A própria concepção amplamente divulgada por autores da época sobre a dificuldade de formação de uma civilização mostra como o pensamento ocidental forma um ideal característico na sociedade brasileira, excluindo a própria dimensão política, historiográfica e social no Brasil.

Com isso, a dicotomia entre uma sociedade moderna e uma sociedade tradicional não se encaixa no Brasil. Essa sociedade não é uma sociedade tradicional, mas experimental. Organizada de cima para baixo, a sociedade brasileira, na tentativa de implantar o “moderno” por cima, acabou por aniquilar possibilidades de uma transição que incorporasse os “de baixo” da sociedade. Em um país onde populações diversas dão lugar a um amontoado homogêneo, a palavra império surge como conceito chave para entender a complexidade do Brasil. Império esse que nasce e cresce na base da violência, do genocídio e do extermínio. Esse mundo cercado de marcantes esfericidades não se sustenta com um único viés. As particularidades encontradas no Brasil não são americanas, africanas e indígenas, são brasileiras. Por isso cabe aqui observar o agravante errôneo que se dá à palavra tradicionalismo. Darcy Ribeiro em “O Povo Brasileiro” descreve o que aqui se pretende explicar:

Dada a homogeneidade cultural presente na sociedade brasileira, cada um dos seus membros tanto é capaz de comunicar-se com os contingentes modernizados, como se predispõe a aceitar inovações. Não estamos atados a um conservadorismo camponês, nem a valores tradicionais de caráter tribal ou folclórico, nada os apega às formas arcaicas de vida, senão as condições sociais que os atam a elas, a seu pesar. (Ribeiro, Darcy. 2015, p. 186)

Talvez agora a citação inicial faça mais sentido, compreender o passado colonial da sociedade brasileira faz com que seja possível analisar as formas com que as marcas ainda estão estabelecidas do presente. E mais importante que isso, considerar a sociedade como tradicional é, em si, fazer parte de uma compreensão do passado que foi constantemente rompida pelos modernizadores. A hostilidade em relação à tradição e ao passado formou aqui uma herança de intelectuais que tratam de forma indiferente o “sacrifício de gerações e gerações de brasileiros, guiados pela linguagem dos afetos, em nome da construção de uma sociedade futura, entendida como plenamente moderna e comandada pelas linguagens da razão e dos interesses.” (BARBOZA FILHO, 2010, p. 17).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve como finalidade analisar a sociologia como um estudo de uma transição de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna. Tendo como contraposição o Estado, baseado nas concepções de Weber sobre burocracia e racionalidade, a família surge como um obstáculo para o então processo de ocidentalização tão esperado para o futuro do Brasil. Sérgio Buarque foi um dos autores que buscou estudar a imaginação sociológica dessa passagem, inaugurando uma análise própria das ciências sociais brasileiras. A ideia de que a sociedade tradicional está baseada basicamente na família patriarcal. A sociedade do passado, baseada na ideia de família, constituiu no país uma dificuldade de transição de uma sociedade familiar para uma sociedade estatal. Sérgio Buarque atribui determinadas características ao mundo ibérico que transforma os brasileiros em povos cordiais. Sua hipótese é a cordialidade.

Foi considerado aqui o conceito de “homem cordial” e a interpretação do Brasil no século XX de acordo com concepções de alguns autores brasileiros, em especial o historiador Sérgio Buarque de Holanda. Assim, a então cordialidade se relaciona como ponto de partida para compreender a imaginária de um tradicionalismo existente no Brasil e as marcas que essa discussão repercutiu no país. Observando as referências de Weber no Brasil com Holanda, foi possível realizar estudo histórico que buscou compreender o ambiente de interpretação no Brasil colônia, tendo como objetivo estabelecer uma relação entre cordialidade e tradicionalismo. Isso vai ser justificado a partir de dos conceitos referidos à linguagem dos afetos no período de interpretação histórica e sociológica no país. A hipótese estudada é que o tradicionalismo, baseado em memórias e costumes, não se constitui de forma compacta em uma sociedade colonial que se modifica a todo instante, seja por procedimentos espontâneos, seja por exploração colonial, do solo e da mão de obra indígena. No mais, o trabalho buscou elucidar o tema da cordialidade, sua referência a Weber e o tradicionalismo como interpretação equivocada do passado, tema que merece ser estudado posteriormente com a mudança de concepção nas obras mais recentes Sérgio Buarque.

REFERÊNCIAS

Andrade, Oswald de, 1890-1954. **Obras completas...** [Rio de Janeiro] Civilização brasileira 1970- 11v. (Coleção Vern Cruz. Literatura Brasileira, v. 147.

- AVELINO, George. **As Raízes de Raízes do Brasil**. Novos Estudos. CEBRAP, São Paulo, v. 18, 1987.
- BARBOZA FILHO, Rubem. **A modernização brasileira e o nosso pensamento político**. In Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, v.37, janeiro-junho de 2010. São Paulo: Unesp.
- Bruno, Daniel Machado. **“O lugar de Raízes do Brasil” no pensamento político e social brasileiro / Daniel Machado Bruno**. – 2019. Dissertação (Mestrado) – programa de pós graduação em história, PUCRS.
- CANDIDO, Antonio. **“O significado de Raízes do Brasil”**. In: HOLANDA, Sérgio. Raízes do Brasil, 2014 [1967].
- CARVALHO, Raphael Guilherme. **Experiência e expectativa: Sérgio Buarque de Holanda, o modernismo, a história**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH, São Paulo, 2011.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. **O Mármore e a Murta: sobre a inconstância da alma selvagem**. Revista de Antropologia. São Paulo, USP. 1992, v.35, p. 21- 74.
- Ribeiro, Darcy – **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil / Darcy Ribeiro**. – 3. ed. – São Paulo: Global, 2015.
- HOLANDA, S. B. de. **O homem cordial / Sérgio Buarque de Holanda**; seleção de Lilia Moritz Schwarcz. 1ª ed. – São Paulo: Pequin Classics Companhia das Letras, 2012.
- HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 27. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- Holanda, Sérgio Buarque de, 1902-1982. **Raízes do Brasil/ Sérgio Buarque de Holanda** ; organização Ricardo Benzaquen de Araújo, Lilia Moritz Schwarcz. ed. Ver. – São Paulo : Companhia das Letras, 2006.
- WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Tradução: José Marcos Mariani Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. V. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- WEGNER, Robert. **A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda/ Robert Wegner**. – Belo Horizonte: Ed. UFMF, 2000.
- WEGNER, Robert. **Latas de leite em pó e garrafas de uísque: um modernista na universidade**. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (Orgs.) Sérgio Buarque de Holanda- perspectivas. São Paulo: Ed. Unicamp, 2008.